

**2016**

**João Miguel Simões  
Vidal de Lemos**

***CASAS DE EMIGRANTES***  
***Enquadramento fotográfico numa região***  
***Uma análise visual – um projeto fotográfico***



2016

João Miguel Simões  
Vidal de Lemos

***Casas de Emigrantes***  
***Uma análise visual – um projeto fotográfico***

Projeto apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual, opção de especialização em Estudos de Fotografia realizada sob a orientação científica do Mestre Carlos Manuel Oliveira e Costa, Professor Auxiliar do Instituto de Arte, Design e empresa - Universitário

.





A Todo o Emigrante



## **o júri**

presidente

Prof. Doutor Fernando Jorge Matias Sanches Oliveira  
Professor Auxiliar do Instituto de Arte, Design e empresa – Universitário

Prof. Doutor Augusto Duarte de Souza Lemos  
Professor Adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Prof. Mestre Carlos Manuel Oliveira e Costa  
Professor Auxiliar do Instituto de Arte, Design e empresa - Universitário



## **agradecimentos**

Agradeço a todos os que colaboraram, direta ou indiretamente, na construção deste trabalho.



## Palavras-chave

Emigração; Casas de Emigrantes; Aculturação; Aveiro; Fotografia

## RESUMO

Na região mais litoral do distrito de Aveiro, nas povoações vizinhas da ria, existem marcas na topologia e organização do espaço urbano, nomeadamente numa parte destacada das edificações habitacionais, propriedade de emigrantes que, em vários períodos do século XX, atravessaram por mar, ou por terra, as fronteiras duma vida minguada, ou fuga ao risco de uma guerra colonial injusta, duradoura e perdida.

Ao partir, os homens, muitas vezes, deixam para trás as esposas que vestem de negro, manifestação solidária e de implicação sofrida, como 'viúvas' provisórias dos que um dia voltarão para despertar a felicidade, em modo de pausa, esperançada na promessa feita a qualquer santa da boa viagem.

O regresso de uma América mítica, ou de outras proveniências europeias, com dólares, francos ou marcos no bolso, deu lugar a construções de palacetes, vivendas, ou *maisons* de "fazer ver", ostentação de estrangeirado, prova do sucesso que na terra nunca julgariam alcançar.

O preenchimento, bem ornado destas casas, dá lugar, muitas vezes, a um esvaziamento e a um silêncio duradouro, acontecido pelo regresso ao lugar de imigração, ficando para trás a imagem despida e fria de uma casa desabitada, sempre em espera do seu dono que um dia virá..., ou não.

As "casas de emigrantes", envoltas nesta atmosfera, constituirão os *referentes* para uma análise fotográfica do paradigma das várias aculturações, identidades singulares e sociológicas, em consonância com a influência da época e das diversas regiões para onde os seus donos emigraram.

O projeto fotográfico confluirá num conjunto de imagens a preto e branco, enaltecendo a nostalgia do abandono, em tensão e confronto com imagens coloridas pela presença humana, ou pelos adornos que trazem cor a um vai e vem, entre cá e lá.





## Keywords

Emigration; Emigrants houses; acculturation; Aveiro; Photography

## ABSTRACT

In the coastal region of the District of Aveiro, in the neighbouring villages of the lagoon, there are marks on the topology and organization of urban space, particularly in a highlighted part of the housing buildings, property of emigrants who, at various periods of the 20th century crossed, by sea or by land, the borders of a hard life, or escaped the risk of an unjust, lasting and lost colonial war.

As they go abroad, men often leave behind their wives who wear in black, manifestation of solidarity and suffering, as 'provisional' widows of those who will return one day to awake their happiness, now in hibernation, hoping the promise they made to a loving saint will be fulfilled.

The return from a mythical America, or from European "El Dorados", with dollars, francs or marks in their pockets, gave way to the construction of palaces, detached houses, or "maisons" to show off ostentation, proof of a success that they would have never dreamed of, had they stayed in their land.

These magnificent houses, made up of the best materials and with a profusion of ornaments, are often filled only with emptiness and a pungent, lasting silence, since their owners had to return to their jobs abroad, leaving behind the naked and cold image of an uninhabited house, waiting for its owner, who will come back one day ... or not.

The "houses of emigrants", wrapped in this atmosphere, will be the *referent* for a photographic analysis of the paradigm of the various cultural appropriations, natural and sociological identities, in line with the influence of the time and regions where their owners emigrated to.

This photographic project will flow into a set of black and white images, extolling the nostalgia of abandonment, in tension and confrontation with colorful images of human presence, or by adornments that bring color to a back and forth movement between here and there.



## ÍNDICE

<b>1. Introdução</b>	21
<b>2. Capítulo I</b>	25
2.1. Sinopse sobre a emigração portuguesa	25
2.2. Representação iconográfica da emigração portuguesa	33
Marc Ferrez – Retrato do imigrante português no Brasil	33
Gerald Bloncourt – Os “Bidonville”	35
Filmografia sobre a emigração portuguesa	41
<b>3. Capítulo II</b>	45
<b>Estado da Arte</b>	45
3.1. Bernd & Hilla Becher – Framework Houses	
Casas de imigrantes mineiros	47
3.2. Jacob Riis – “How the Other Half Lives”	51
3.3. Kevin Bauman	53
<b>4. Capítulo III</b>	55
<b>Projeto Fotográfico – Casas de Emigrantes - A região da Ria de Aveiro</b>	55
4.1. Portfólio fotográfico – proposta de uma exposição	57
4.1.1. Casas de emigrantes brasileiros	57
4.1.2. Casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá)	61
4.1.3. Casas de emigrantes europeus	85
4.1.4. Casas de “emigrantes nunca emigrados”	93
4.1.5. Casas abandonadas	97
<b>5. Conclusão</b>	105
<b>6. Fontes e Bibliografia</b>	107
<b>7. Anexos</b>	110



## Lista de Figuras

Fig. 1 a 6	<i>Vendedor ambulante</i> , Rio de Janeiro, Marc Ferrez 1899
Fig. 7	Retrato de Gérald Bloncourt
Fig. 8 a 18	<i>Bidonville</i> , Gérald Bloncourt, anos 50 e 60 do século 20
Fig. 19	Fotogramas do filme “O Salto”, Christian de Chalonge, 1967
Fig. 20	Fotogramas do filme “Mudar de Vida”, Paulo Rocha, 1966
Fig. 21	Fotogramas do documentário da “Pathé” sobre os emigrantes portugueses nos “Bidonvilles”
Fig. 22	Louis-Jacques Mandé Daguerre, Boulevard du Temple, 1839
Fig. 23	Retrato de Bernd (1931 - 2007) & Hilla Becher (1934 - 2015)
Fig. 24	Capa do Livro de Bernd & Hilla Becher, <i>FRAMEWORK HOUSES</i> , The Mit Press Cambridge, Massachusetts, London 2001
Fig. 25 a 27	Bernd & Hilla Becher, <i>FRAMEWORK HOUSES</i> , anos 60 e 70
Fig. 28	Jacob Riis, <i>How the Other Half Lives</i> , 1889
Fig. 29 a 34	Jacob Riis, from the <i>How the Other Half Lives</i> , 1889
Fig. 35 e 36	Kevin Bauman, “100 Abandoned Houses”, anos 90
Fig. 37	Mapa da Região de Aveiro, Google maps, 2014
Fig. 38	João Vidal Lemos, casas de emigrantes brasileiros, São João da Madeira, 2016
Fig. 39 e 40	João Vidal Lemos, casas de emigrantes brasileiros, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 41 e 42	João Vidal Lemos, casas de emigrantes brasileiros, Avanca - Estarreja, 2016
Fig. 43	João Vidal Lemos, casas de emigrantes brasileiros, Macinhata do Vouga, 2016
Fig. 44	João Vidal Lemos, casas de emigrantes brasileiros, Soutelo, 2016
Fig. 45	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Pardelhas - Murtosa, 2016
Fig. 46 e 47	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 48	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 49	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Soutelo, 2016
Fig. 50	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Póvoa de Cima - Estarreja, 2016
Fig. 51	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Monte - Murtosa, 2016
Fig. 52 a 54	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 55	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 56	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Bestida - Murtosa, 2016

Fig. 57	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Póvoa de Cima - Estarreja, 2016
Fig. 58	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 59	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Bestida - Murtosa, 2016
Fig. 60 a 70	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 71	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 72	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 73	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Monte - Murtosa, 2016
Fig. 74	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Monte - Murtosa, 2016
Fig. 75	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 76	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 77 a 80	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 81	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Soutelo, 2016
Fig. 82	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Monte - Murtosa, 2016
Fig. 83 e 84	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 85	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 86	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Monte - Murtosa, 2016
Fig. 87	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 88	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Bestida - Murtosa, 2016
Fig. 89	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Soutelo, 2016
Fig. 90	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 91	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Soutelo, 2016
Fig. 92	João Vidal Lemos, casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá), Murtosa, 2016
Fig. 93	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Salreu – Estarreja, 2016
Fig. 94	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Pardilhó – Estarreja, 2016
Fig. 95	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Salreu - Estarreja, 2016

Fig. 96	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 97	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Albergaria-a-Velha, 2016
Fig. 98 e 99	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 100	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 101 a 103	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Murtosa, 2016
Fig. 104	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 105	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Murtosa, 2016
Fig. 106	João Vidal Lemos, casas de emigrantes europeus, Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 107	João Vidal Lemos, casas de “emigrantes nunca emigrados”, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 108	João Vidal Lemos, casas de “emigrantes nunca emigrados”, Válega - Ovar, 2016
Fig. 109	João Vidal Lemos, casas de “emigrantes nunca emigrados”, Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 110	João Vidal Lemos, casas de “emigrantes nunca emigrados”, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 111	João Vidal Lemos, casas de “emigrantes nunca emigrados”, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 112	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Murtosa, 2016
Fig. 113	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Avanca - Estarreja, 2016
Fig. 114	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 115	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Veiros - Estarreja, 2016
Fig. 116	João Vidal Lemos, casas abandonadas, São João da Madeira, 2016
Fig. 117	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Salreu - Estarreja, 2016
Fig. 118	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 119 a 121	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Avanca - Estarreja, 2016
Fig. 122	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Macinhata do Vouga - Águeda, 2016
Fig. 123	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Albergaria-a-Velha, 2016
Fig. 124	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Pardilhó - Estarreja, 2016
Fig. 125	João Vidal Lemos, casas abandonadas, Veiros - Estarreja, 2016
Fig. 126 a 133	Imagens captadas no Google Maps, Newark – New Jersey, na zona envolvente da Avenida Ferry Street, “A Murtosa de lá”





## 1. INTRODUÇÃO

*O emigra verga a mola  
Num país que não é seu  
Produce fortunas alheias  
Com as mãos que Deus lhe deu...*

Zeca Afonso

O projeto denominado “CASAS de EMIGRANTES - Enquadramento fotográfico numa região”, parte da constatação da forte marca na paisagem regional, das construções singulares de habitações daqueles que um dia atravessaram o oceano atlântico, ou se espalharam pelo continente europeu para, a partir daí, procurarem construir a vida que o país lhes negara – os Emigrantes.

Impôs-se, desde logo, aprofundar o conhecimento sobre os movimentos migratórios, especialmente ocorridos desde a segunda metade do século XIX, pelo que se procede à revisitação da história da emigração portuguesa e à investigação e análise de diversos autores, que se vêm debruçando sobre o seu estudo.

Rapidamente se verifica, pelo cruzamento progressivo das diversas fontes de informação tratadas, que o campo de trabalho é abrangente, situando-se no interior de diversas disciplinas do conhecimento, da literatura à história contemporânea, da antropologia à sociologia, passando pelo cinema e pela fotografia documental, desembocando na arquitetura.

O trabalho, tanto teórico como de campo, parte de uma visão global do fenómeno da emigração, para uma análise de carácter regional, perspectivada como parcela de um todo, desaguando num projeto fotográfico pessoal que, por via da sua asserção iconográfica documental, possui carácter monográfico, distanciando-se de formatos de análise subjetiva e abstrata, constituindo, assim, a essência deste projeto.

A saída do povo português para outras paragens sempre constituiu uma faceta de proporção nacional, que se instituiu com a descoberta e colonização de outros territórios. A primeira “diáspora portuguesa”, segundo Joel Serrão, (1919-2008),<sup>1</sup> dá-se com a colonização da ilha da Madeira, por volta de 1425. Porém, este tipo de emigração, empreendida por iniciativa do Estado, fixa as pessoas em permanência, enquanto os “verdadeiros” emigrantes, que abandonam as suas terras por iniciativa própria e, por vezes até, em oposição à vontade oficial, fazem-no sempre, com a miragem do seu regresso, um dia, donos de outra posição social e económica, que lhes possibilite uma vida e um situação bem diferente daquela em que partiram.

São estes regressados às suas origens, que constroem novas habitações, onde exprimem o sucesso alcançado, exibindo-as como troféus da vitória e da transformação da *utopia*<sup>2</sup>, que um dia imaginaram, em realidade concretizada.

Apenas uma parcela de todos aqueles que emigraram consegue, alguma vez, regressar, envolto no triunfo que à partida “sonhou”.

De África, às Américas e da Europa até de novo a África, regressam os emigrantes de “torna viagem”, que Camilo Castelo Branco (1825 – 1890) e Eça de Queirós (1845 – 1900), no seu tempo, não resistiram a caricaturar<sup>3</sup>. Edificam, nas regiões de partida, em tempos e estéticas diferenciadas, as casas que servem de pano de fundo à realização iconográfica deste projeto.

No decurso deste trabalho depara-se, frequentemente, com o conceito pré-estabelecido, de que as “casas de emigrantes” são projetadas em função da região de proveniência de imigração, como tendo origem em desenhos que os

---

<sup>1</sup> Serrão, Joel – *Emigração portuguesa. Sondagem histórica*, Livros Horizonte, Lisboa 1982

<sup>2</sup> Segundo o escritor Robert Musil (1880 – 1942): “Uma utopia é uma possibilidade que pode efetivar-se no momento em que forem removidas as circunstâncias provisórias que obstam à sua realização.

Musil, Robert – citado na introdução de “*Utopia*”, Thomas More, Publicações Europa-América, 1973

<sup>3</sup> Citando a série fílmica documental “Ei-los que partem”, produzida por Eduardo Ricou, com acompanhamento científico de Jorge Malheiros, emitida na RTP2: “*no final do séc. XIX Camilo C. Branco vingou-se, nos livros, da perseguição que lhe foi movida por Manuel Pinheiro Alves, ex-emigrante no Brasil, marido de Ana Plácido. A partir da peça de teatro “Poesia ou Dinheiro”, a caricatura do brasileiro de torna viagem esteve presente, de forma obsessiva, em pelo menos onze obras suas, das quais se destacam “Os Diamantes do Brasileiro”, “Eusébio Macário” e a última “A Brasileira de Prazins”.*

O mesmo documentário refere que “*Eça de Queirós catalogou o brasileiro como o grande fornecedor do nosso riso, descrevendo-o como o labrego que, largando a enxada, embarcava para o Brasil num porão de galera, com um par de tamancos e uma caixa de pinho e, anos depois, voltava de lá, na mala real, com botas de verniz, grisalho e jocundo, a edificar um palacete e dar jantares de leitão ao abade.*”

próprios trariam enrolados “debaixo do braço”, a impor aos empreiteiros o seu gosto, ou a sua afinidade, com determinado tipo de projeto ou de movimento arquitectónico. O trabalho de campo, conduz-nos a refletir sobre esta matéria, evidenciando-nos uma teia complexa de fatores que comandam, no tempo, o tipo de arquitetura adotada e edificada, muito em função do poder económico do dono de obra, em relação às opções arquitectónicas perfilhadas, em cada época, pelos respetivos autores projetistas.

Não é pretensão do projeto desenvolver um trabalho debruçado especificamente na investigação global sobre os movimentos na arquitetura. Porém, a cada passo, ressaltam sinais de relações que se movimentam do geral para o regional, estabilizados a partir de grupos sociais definidos e próximos, numa tipologia arquitectónica, de denominador comum, concentrada na relação entre o poder aquisitivo do emigrante regressado, a adopção do gosto dominante regional em determinada época, veiculado pelos projetistas, arquitetos, em determinados períodos, empreiteiros/desenhadores de formação questionável, noutros, respondendo sempre a princípios aparentes de conforto, de ostentação e da afirmação de poder, perante o meio envolvente.

Como refere Gaston Bachelar (1884 – 1962): “...a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. (...) Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do seu humano.”<sup>4</sup>

O projeto fotográfico de captação e realização das imagens que constituirá a componente prática deste trabalho incidirá, temporalmente, sobre as construções realizadas durante o séc. XX, abrangendo casas de emigrantes com proveniência no Brasil, África, Estados Unidos e Venezuela e, mais recentemente, as dos que rumaram à Europa, desde o início dos anos 60, com incidência de intervenção regional em zonas da Beira Litoral, área ribeirinha da ria de Aveiro, nos concelhos de Ovar, Murtosa, Estarreja e Ílhavo.

---

<sup>4</sup> Bachelar, Gaston – *A Poética do Espaço*, Martins Fontes, S. Paulo, Brasil, p.26

A localização residencial e profissional do autor deste projeto, próxima de várias comunidades emigrantes, cuja presença e estigma se evidencia na vida e na paisagem regional, potencia o interesse despertado para levar a cabo esta incursão fotográfica “situada”,<sup>5</sup> na linha das tendências do documentarismo fotográfico contemporâneo.

O projeto culminará com uma seleção de fotografias, representativa das “Casas dos Emigrantes” na região, a ser impressa e exposta.

---

<sup>5</sup> “*práticas de arte contemporânea situadas*”... “*Toda a produção artística merece ser re-avaliada tendo em conta a sua própria localização histórica.*”, segundo conceitos elaborados pela artista e filósofa eslovena Maria Grznic no seu livro “*SITUATED CONTEMPORARY ART PRACTICES*”, Art, Theory and Activism from (the East of) Europe – Ljubljana, Frankfurt am Main 2004,

## 2. CAPITULO I

*Em Portugal a emigração não é, como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra; mas a fuga de uma população que sofre...*

Eça de Queirós, “Uma Campanha Alegre”, 1890

### 2.1. Sinopse sobre a emigração portuguesa

Os descobrimentos portugueses empreendidos no séc. XV levaram à necessidade de se institucionalizar, por iniciativa do próprio estado, a deslocalização das gentes para colonizar os ‘novos’ territórios.

Falar em emigração, daí em diante, só terá relevo a partir de meados do séc. XIX, uma vez que, “colono” e “emigrante”,<sup>6</sup> se distinguem, especialmente, por este último tomar a iniciativa de partir, por seus próprios meios, inúmeras vezes em confronto e contra a vontade do próprio Estado, com a perspectiva de melhorar as suas condições de vida, e um dia regressar às origens, com outras posses e um estatuto económico e social diferente.

Porém, as políticas de colonização revelaram-se seletivas, acabando por não dar oportunidade à população, de procurar alternativas de vida e de se instalar nos novos territórios do grande império colonial português.

No século XVIII, o Marquês de Pombal institui que só podia sair do país quem fosse nomeado para a administração colonial, funcionários para empresas ou padres para as missões católicas.

Para os mais pobres, a oportunidade de emigrar só começou a surgir quando os Estados Unidos e o Brasil se tornaram independentes, respetivamente em 1776 e 1825, neles se fixando, inicialmente, pequenos grupos de portugueses, procedentes, sobretudo, das ilhas dos Açores e da Madeira, dando origem à formação de “redes de emigração”, que viabilizavam a junção de familiares e amigos, engrossando as comunidades portuguesas aí estabelecidas.

---

<sup>6</sup> Serrão, Joel – *Emigração portuguesa. Sondagem histórica*, Livros Horizonte, Lisboa, 1982

Um dos primeiros destinos de emigração portuguesa para a americana teve lugar na costa leste, na cidade de New Bedford, no séc. XVIII, com a expulsão dos judeus que, forçados pela Inquisição, não anuíram a ser “cristãos novos”. Desde o século XIX que esta cidade se mantém como a capital portuguesa dos Estados Unidos.

No Continente, a industrialização foi tardia e a agricultura manteve-se pouco desenvolvida, oferecendo fracas condições de vida às populações, pelo que, sobretudo, no litoral norte, o destino sonhado pelos portugueses era o Brasil.

Se, por um lado, uma parte da emigração era oriunda da classe média e média alta, que educava os seus filhos a pensar em estabelecê-los, como comerciantes ou industriais, no Brasil, para regressarem ricos, por outro, o aumento da exploração do café e da borracha e a diminuição do trabalho escravo, tornou necessário captar mão-de-obra noutras origens.

O tratado de 1829 entre o Brasil e Inglaterra faz diminuir o tráfico de escravos, proibindo-o totalmente em 1850.

A promulgação da “Lei Áurea”, em 1888, extingue definitivamente a escravatura.

Para substituir o trabalho escravo, acentua-se a necessidade de mão-de-obra alternativa, pelo que o próprio estado brasileiro promove e incentiva o movimento migratório proveniente da europa.

De Portugal, país que continuava a ser pobre, atrasado e dominado pelos proprietários agrícolas, sob a angariação de engajadores especializados, embarcaram aos milhares, homens e crianças de 12, 13 anos, que iriam ser mão-de-obra barata para as grandes fazendas de café - a “escravatura branca”. Muitos nunca mais voltariam, diluindo-se na sociedade brasileira.

Uma parte dos emigrantes portugueses no Brasil estabeleceram-se em lojas e armazéns no Rio de Janeiro. Outros, os menos instruídos e apetrechados, deambulavam pela cidade como vendedores ambulantes ou executando pequenos serviços de oportunidade.

Os afortunados, que enriqueciam, voltavam da “árvore das patacas”<sup>7</sup>, mostrando o seu sucesso, nas construções de palacetes chamados “de brasileiros” apoiando, como beneméritos, construções de escolas e hospitais, a que davam o próprio nome, logrando, em contrapartida, os títulos de conde ou visconde. Alguns deles investiram na indústria e na construção, transformando-se em grandes dinamizadores económicos e sociais de algumas regiões. Mudaram a paisagem de várias localidades, principalmente do norte.

Nos finais do século XIX instala-se na Europa uma profunda crise, que se repercute em Portugal, através de uma enorme crise financeira. A grande dependência da nossa economia, face à inglesa, levava a que o país produzisse em função deste mercado e a sua indústria não se desenvolvesse.

A agricultura mantém-se com baixos níveis de desenvolvimento e os pobres portugueses, sem trabalho, compostos de famílias inteiras de camponeses, rumam às Américas em busca da sobrevivência.

Por esta altura surge o barco a vapor, encurtando a viagem entre os dois continentes, incentivando a emigração para aquelas paragens.

Os Estados Unidos da América estavam em crescendo industrial necessitando de grandes quantidades de mão-de-obra laboriosa.

Para conseguir esses intentos, promoveu campanhas de fomento de captação de migrantes europeus, aumentando em número e qualidade a sua frota de transporte marítimo transatlântico, ao mesmo tempo que construía estruturas de acolhimento para receber os que chegavam em condições, a maior parte das vezes, depauperáveis.

Os europeus chegavam aos milhões, espalhando-se por toda a América, alimentando o “sonho americano”<sup>8</sup> de liberdade, sucesso e prosperidade.

A maior parte dos portugueses, que embarcava por esta altura, era composta de continentais que chegavam a Nova Iorque, sem dispor das

---

<sup>7</sup> “Patacas”, Moedas de prata, de origem colonial portuguesa, que por mais tempo circularam no Brasil – de 1695 a 1834.

<sup>8</sup> Na definição do que é o “Sonho Americano”, por James Truslow Adams, em 1931, afirma que “a vida deveria ser melhor e mais rica e mais completa para todos, com oportunidades para todos baseado em suas habilidades ou conquistas”, independente de sua classe social ou circunstâncias do nascimento. (Library of Congress. American Memory. “What is the American Dream?”)

condições, nem de raízes familiares que os recebessem, criando comunidades bastante diferentes da comunidade açoriana já estabelecida.

Uma parte significativa era composta de pescadores da região de Aveiro, que ajudariam a criar a comunidade portuguesa de Newark, trabalhando nas indústrias circundantes.

Esta comunidade de portugueses, formada por volta de 1910, à qual se juntam outros familiares ou conterrâneos, nos anos 60 e 70, congrega um grande número de migrantes provenientes da Murtosa, vila essencialmente piscatória, nas margens da Ria de Aveiro, região onde se insere a maior parte da componente prática deste projeto. O grosso destes “Patrícios”, murtoseiros, agora já considerados luso-americanos, movimenta-se na área da avenida “Ferry Street”, Newark, estado de New Jersey, onde o comércio, os serviços e até a própria língua é portuguesa.

Newark é conhecida como a Murtosa de lá.

Outro fluxo migratório teve lugar nos anos 40 do séc. XX, desta vez para a Venezuela, mantendo-se constante até meados dos anos 80. Nas décadas de 50 e 60 entraram em território venezuelano cerca de 75 000 portugueses, dos quais, metade, provenientes da ilha da Madeira e cerca 20 000 saídos do distrito de Aveiro.

Estes emigrantes dedicar-se-iam sobretudo ao comércio de alimentos e, muitos dos que partiram dos concelhos abrangentes por este projeto, acabaram estabelecidos com negócios de padarias tendo, em tempo recorde, enriquecido e regressado às suas terras, mandando construir novas casas de habitação onde manifestaram o poder do dinheiro que ali tinham arrecadado.

As transformações acontecidas durante o século XX em todo o mundo, especialmente as ocorridas nos rescaldos da segunda Grande Guerra, despertou nas décadas imediatas do pós-guerra, fortes motivações dos povos colonizados para reivindicarem autonomia e independência das colónias europeias, que durante séculos os tinham subjugado.



Enquanto se assistia à formação de novos países, sobretudo em África, com a concessão e cooperação das anteriores potências colonizadoras, Portugal, através de um regime ditatorial, vigente durante quatro décadas, persistia em manter as suas colónias. Numa atitude contranatura, que acabaria no isolamento internacional do país e na origem da formação dos movimentos de libertação, alimenta-se uma guerra de guerrilha, que mobilizaria milhares de jovens para a sua manutenção, em Angola, Moçambique e Guiné, e que se viria a prolongar até ao movimento dos capitães de 25 Abril de 1974.

É neste quadro de regime e de atraso económico e social, que o povo português se vê confrontado com a guerra e as suas consequências nas camadas mais jovens, por um lado, e a falta de empregos e de meios de subsistência, por outro. O analfabetismo estendia-se a uma faixa significativa da população portuguesa, sendo o país da Europa com a mais elevada taxa de iliteracia.

Estava, assim, criado o ambiente e as motivações que incentivariam, mais uma vez, ao incremento da emigração do povo português. Desta vez, a necessidade de mão-de-obra nos países europeus, convida a uma saída pela fronteira terrestre, “a salto”,<sup>9</sup> através de “passadores”, porque a emigração era proibida.

Desde o início dos anos 60 partem, clandestinamente, para França, milhares de jovens e homens adultos, a fugir à guerra colonial, ou a livrar-se das fracas condições em que viviam, para aí tentarem construir as vidas que cá lhes eram negadas.

França tornou-se na plataforma de acolhimento dos que durante dias e noites, muitas vezes a pé, conseguiam atingir a fronteira e chegar até à periferia de Paris, sem dinheiro, sem documentos, onde eram instalados em “bairros de lata”, em condições extremamente precárias, tentando juntar alguns francos para enviar à família que, ansiosamente, aguardava.

---

<sup>9</sup> “Quando os portugueses partiam a salto para França” - “o salto” representa um momento importante da trajetória de um emigrante. É um período de transição entre um “cá” (conhecido) e um “lá” (desconhecido) que inspirou vários escritos. In: Museu da Emigração e das Comunidades, Seminário Internacional, Memórias e Migrações Julho de 2007

Muitos, seguiam, posteriormente, para o Luxemburgo e para a Alemanha, onde sabiam poder encontrar melhores condições para trabalhar e viver. Tudo o que podiam amealhavam e enviavam à família.

Em Portugal, as mulheres aguardavam pacientemente o decurso do tempo e que a vida, lá, lhes corresse bem para, logo que possível, ir ao seu encontro.

O principal objetivo que perseguiram, afincadamente, era trabalhar intensamente, já que vinham habituados a não reivindicar, amealhando dinheiro para um dia regressarem, com a autonomia de carro próprio e construírem a casa que nunca tiveram.

Muitos, acabam por ver os filhos integrarem-se, como cidadãos de pleno direito, estudando, exercendo profissões diferentes dos seus pais, constituindo família, que mais tarde os inibirá do regresso que sempre programaram.

Poder-se-á concluir que os grandes movimentos migratórios portugueses do último século estão divididos em três fases principais:

A primeira, sensivelmente até 1960, sendo de carácter intercontinental, como se explanou.

Com o início das guerras coloniais, levadas a cabo pelos movimentos de libertação, nos anos sessenta, inicia-se a segunda fase, que iria perdurar até 1974, ano da revolução do 25 de Abril.

Estes fluxos de emigração tinham, à partida, carácter temporário, dirigindo-se, agora, para países Europeus, nomeadamente França, na sua grande maioria, mas também Luxemburgo, Bélgica e Alemanha.

Numa terceira fase, já em Democracia pós 1974, a emigração é caracterizada por uma diversificação generalizada das correntes migratórias, tanto em relação às origens, como aos destinos, alterando-se significativamente o paradigma de perfil e as motivações do emigrante.

Portugal passa também a ser um País de destino de populações do leste, tornando-se, nas últimas décadas do século XX, um país de imigração.

A melhoria das condições de vida das populações, caracterizada pelo aumento da escolaridade, a criação do Serviço Nacional de Saúde Pública, universal e gratuito, o “boom” do investimento na construção civil pública e privada, foi talvez o mais importante aspeto a travar o fluxo migratório dos dois séculos anteriores.

Com a entrada do séc. XXI, tudo se vai alterar. A integração de Portugal na Comunidade Europeia e a facilidade de circulação das pessoas, o aumento da escolaridade e da formação académica universitária, ao alcance de todos, bem como, as condições de crise em que o país tem vivido, conduz a um excesso de oferta de mão-de-obra altamente qualificada e, agora, veem-se partir, novos emigrantes, com cursos superiores, onde vão disponibilizar a formação que o estado português lhes proporcionou, sem que, de momento, obtenha o devido retorno.

A título ilustrativo, refere-se que, segundo notícia da Agência Lusa, de 21 de Junho passado, veiculada no Jornal Público Digital: “Em 2015, emigraram 475 médicos, o que significa uma média mensal de 39,5 profissionais. Nos primeiros cinco meses deste ano, foram mais de 175, o equivalente a uma média mensal de 35 médicos.”



## 2.2. Representação iconográfica da emigração portuguesa

### Marc Ferrez – Retrata o imigrante português no Brasil

Uma parte dos emigrantes portugueses no Brasil estabeleceu-se em lojas e armazéns no Rio de Janeiro. Outra, os menos instruídos e apetrechados, deambulavam pela cidade como vendedores ambulantes ou executando pequenos serviços de oportunidade. O fotógrafo Marc Ferrez (1843 – 1923) <sup>10</sup>, um dos mais importantes do Brasil, no séc. XIX, retratou-os amplamente.

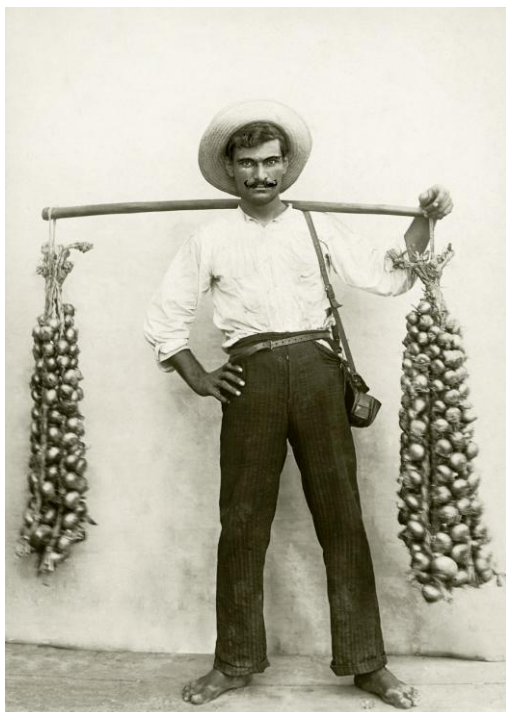


Fig. 1



Fig. 2

<sup>10</sup> Fotógrafo franco-brasileiro. Retratou cenas dos períodos do Império e início da República, entre 1865 e 1918, sendo o seu trabalho um dos mais importantes legados visuais daquelas épocas.



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 6

## Gérald Bloncourt – Os *Bidonville*



Fig. 7

Gérald Bloncourt (1926), nasceu no Haiti, tendo sido expulso do país, em finais de 1940, por motivos políticos. Radicou-se em Paris e enveredou pela carreira de fotógrafo. Trabalhou para o jornal francês "L'Humanité" e para a revista social "La Vie Ouvrière", entre outros.

Gérald Bloncourt é também pintor e poeta, tendo publicado vários livros, com destaque para "Le Paris de Gérald Bloncourt", em 2010.

As fotografias de Gérald Bloncourt <sup>11</sup> perpetuam a memória iconográfica da história da emigração portuguesa em França nos anos 60 e 70, quando os portugueses viviam nos bairros de lata nos arredores de Paris, que passaram a ser conhecidos como "Bidonvilles".

Fotografou sistematicamente o "Bidonville" de Champigny-sur-Marne, nos arredores de Paris, depois da difícil entrada no "aldeamento" enlameado.

---

<sup>11</sup> Gérald Bloncourt, o fotógrafo dos bairros de lata portugueses em França

Os relatos que ouvia nos bairros de lata, levaram Gérald Bloncourt a querer descobrir Portugal e a fotografar as rotas clandestinas dos que tentavam fugir à ditadura, num percurso que ficou conhecido como "O Salto".

Como referiu, em entrevista à Lusa, na inauguração da sua exposição no Fundão, em Abril de 2015:

*"Quatro portugueses viram-me e apanharam-me. Pensavam que eu era um polícia. Prenderam-me e meteram-me lá num edifício feito de tábuas. Havia lama por fora, mas lá dentro era asseado e tínhamos que tirar os sapatos".*

*Enquanto o fotógrafo aguardava, descalço, os portugueses "foram buscar o chefe": "Quando o chefe chegou, disse-me "Que estás aqui a fazer?" Eu conhecia-o. Era um militante sindicalista da Renault, que era o chefe do bairro de lata. Abraçámo-nos, bebemos uma garrafa de Porto e depois pude voltar!"<sup>12</sup>*



**3411/36- Portugal - Dans les montagnes de Chavès - 1966**  
**©Gérald Bloncourt**

Fig. 8

<sup>12</sup> Citação extraída da publicação digital no SAPO, titulada “Gérald Bloncourt, o fotógrafo dos bairros de lata portugueses em França”, aquando da inauguração da sua exposição, “Por uma Vida Melhor”, em 24 de Abril de 2015, no Casino Fundanense.





Fig. 9



©Gérald Bloncourt

1067/5- immigré portugais dans bidonville région parisienne - 1967

©Gerald Bloncourt

Fig. 10



115111 - Départ au petit jour pour le travail - Bidonville de la région parisienne - 1965  
 Mâle pour le travail de maçonnerie. Barre de Lata des bidonvilles de Paris, 1965.

Fig. 11



Fig. 12



**1135/19- immigrés aux abords d'un bidonville de la région parisienne  
 achetant des matelas d'occasion - 1964**  
 ©Gérald Bloncourt

Fig. 13



B110-6x6--1969- Bidonville à St-Denis - région parisienne - Petite portugaise immigrée  
Photo BLONCOURT

Fig. 14



1308- Camp de l'Abbé Pierre à Noisy le Grand-  
Portugais - 1954 - Lisbonne-Paris... de bidonville  
en bidonville -  
©Gérald BLONCOURT

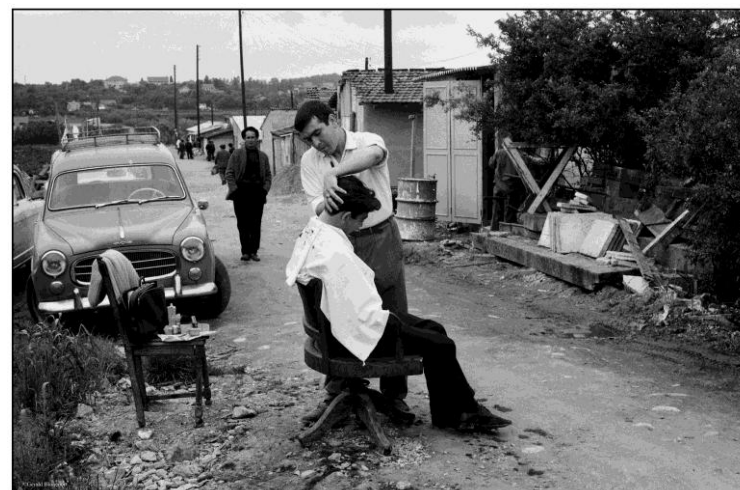
Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



119022- Collège dans le Bidonville de Champigny-Mai 1964  
Barbette au Bairro de Lata de Champigny, Maio de 1964.

Fig. 18



## Filmografia sobre a emigração portuguesa



Fig. 19



Fig. 20

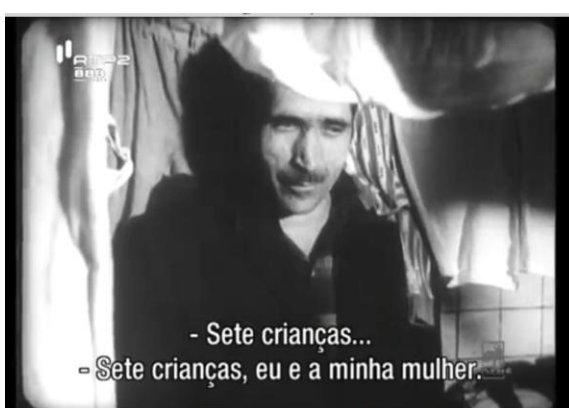
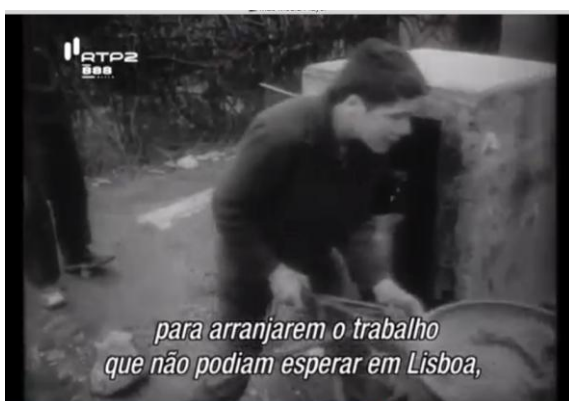
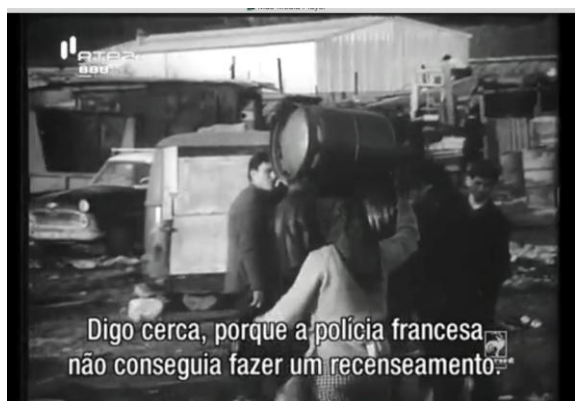


Fig. 21





### 3. Capítulo II

#### Estado da Arte

A invenção da Fotografia, veio possibilitar, desde o seu início, reunir em imagens as matérias do foro material e social, dando visibilidade a acontecimentos relevantes de cada época, com especial incidência, nas condições de vida do ser humano, do seu espaço envolvente e nas alterações topográficas resultantes da sua intervenção no espaço urbano e no meio ambiente.

Logo nas primeiras “tomadas de vista”, que por força da sua duração – várias dezenas de minutos – apenas se conseguiam fixar imagens de cenas estáticas, o fotógrafo captou representações de paisagens urbanas, como se observa nos primeiros daguerreótipos conhecidos.

Percorrendo a História da Fotografia, são inúmeros os fotógrafos que se fixaram nas questões sociais do seu tempo, documentando a sociedade, os movimentos demográficos de cada época e o correspondente espaço urbano habitado, bem como, as transformações que este sofria pela ação da intervenção direta do homem. Naturalmente, por questões formais e conceptuais deste projeto, é inviável o seu tratamento exaustivo e a sua inclusão aqui, pelo que se selecionaram alguns, representativos que, no espaço e no tempo, revelaram, na sua iconografia documental, proximidade ao conteúdo deste projeto.



Fig. 22



### 3.1. Bernd & Hilla Becher – Framework Houses Casas de imigrantes mineiros



Fig. 23

Bernd (1931 – 2007) e Hilla Becher (1934 – 2015), casal de fotógrafos alemães que trabalhavam em dueto, tornaram-se uma referência na Fotografia, através das suas séries de edifícios industriais, estruturas e casas características alemãs, muitas vezes apresentadas em forma de mosaico.

Em 1976, começaram a ensinar Fotografia na Academia de Dusseldorf, tendo sido mestres dos conceituados fotógrafos Andreas Gursky, Thomas Ruff, Thomas Struth e Candida Hofer.

De entre as suas obras publicadas, destaca-se o primeiro livro “Framework Houses”, editado na Alemanha, em 1977, rapidamente esgotado.

As 350 fotografias, que voltaram a ser recentemente editadas, agora impressas em duotone, mostram as casas construídas, na sua maioria, entre 1870 e 1914, por imigrantes mineiros, que vieram trabalhar para a região de Siegen, um dos mais antigos centros de produção de ferro da Europa.

Em 1790, é publicada uma lei que, tendo em vista poupar madeira para alimentar os altos fornos na produção de ferro, proibia o seu uso excessivo na construção de casas, nomeadamente nos elementos que serviam funções decorativas.

A lei prescrevia a quantidade de madeira necessária para construir a estrutura das casas, nomeadamente, o comprimento máximo das vigas, dos pilares e das soleiras.

Uma concepção estritamente funcional, determinou o novo tipo de casa, tendo o conceito sido estendido a outros edifícios, tais como celeiros, igrejas, escolas, lojas, fábricas e outras estruturas.



Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27

### 3.2. Jacob Riis – “How the Other Half Lives”

Jacob Riis (1849-1914), em 1890 publica em Nova Iorque o livro *How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York*. As suas fotografias documentaram a forma de vida dos emigrantes dos bairros pobres de Nova Iorque, revelando à sociedade as condições de vida indignas de uma grande parte da população, tornando-se num documento de exaltação e referência no estudo da comunidade da época.

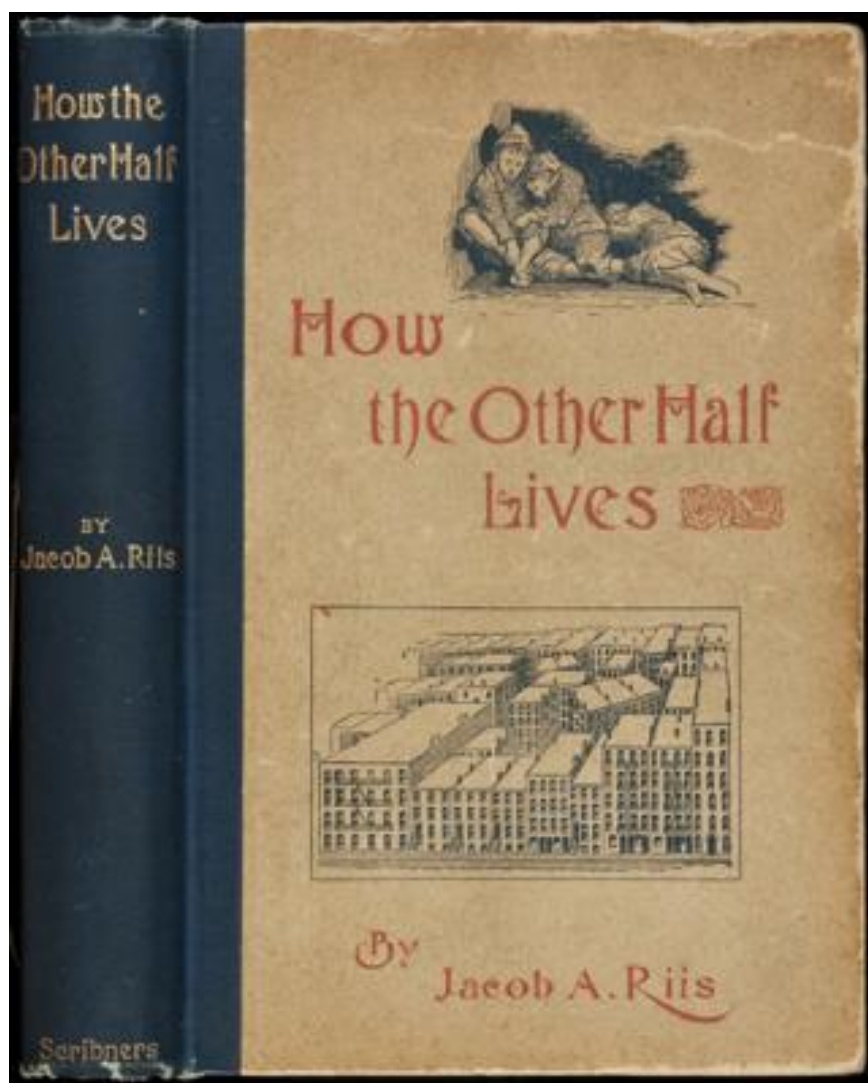


Fig. 28





Fig. 29



Fig. 30



Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33



Fig. 34



### 3.3. Kevin Bauman – “100 Abandoned Houses”

Kevin Bauman, (1972), é um fotógrafo contemporâneo americano, que desde 1996 tem vindo a trabalhar usando os vários processos técnicos fotográficos coexistentes na atualidade. Kevin continua a fotografar com câmaras de médio formato, sob suporte de negativo a cores, cujas imagens são posteriormente digitalizadas e impressas em jato de tinta.

Dos seus projetos recentes destaca-se o conjunto fotográfico “100 Abandoned Houses”, com incidência nas regiões de Detroit e Michigan.

O seu interesse pelo documentarismo fotográfico, atuando na região natal, fundamenta-se nas preocupações pelas questões sociais provocadas pela crise económica que a sua zona tem enfrentado nas últimas décadas. Na tentativa de melhor percepcionar o estado da região, quando o seu declínio acelerou, Kevin realizou o levantamento fotográfico que deu a conhecer e o tornou conhecido.



Fig. 35



Fig. 36



#### 4. Capítulo III

##### Projeto Fotográfico – Casas de Emigrantes – A região da Ria de Aveiro

*“Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa da nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade”*

Gaston Bachelar

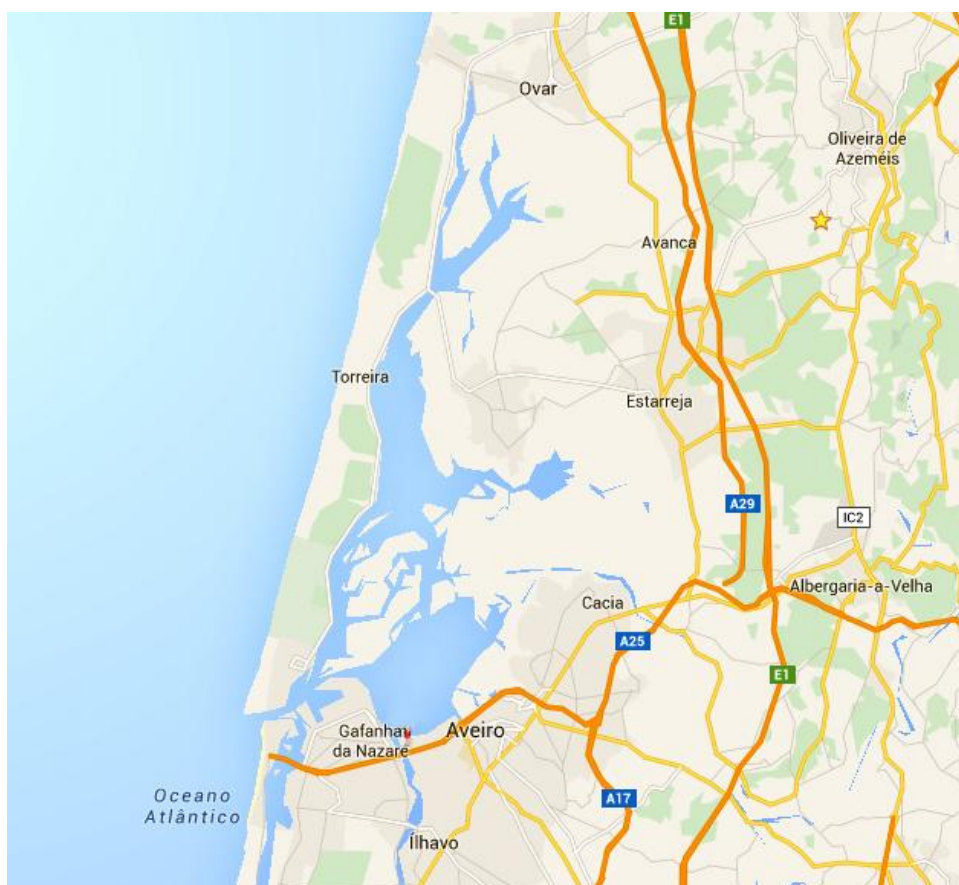


Fig. 37

Os povos da região de Aveiro, desde sempre tiveram propensão para migrarem, tanto dentro do país, como para lá das suas fronteiras.

É bem conhecido o exemplo das “Varinas de Lisboa”, primeiramente chamadas de “ovarinas”, cuja origem provém dos povos oriundos de Ovar, Murtosa e outras localidades perto de Aveiro, que partiam à procura de trabalho.

Quando surge a “febre” do Brasil, não são só os pobres necessitados que se abalançam à sua sorte com a intenção de fazerem fortuna. Segundo o Jornal “Concelho de Estarreja”, em edição de 16 de Novembro de 1912, citado por Maria de Jesus O. Silva,<sup>13</sup> “o que é incontestável é que não é só a miséria a causa de emigração para o Brasil. Vai e tem ido muita gente que aqui vivia desafogadamente, muitos filhos de lavradores e proprietários que abandonam a casa de seus pais, sem necessidade de o fazerem (...)”.

Poder-se-á dizer o mesmo dos que, entretanto, emigrariam para a América, Canadá e Venezuela. Pelo contrário, os emigrantes “a salto, dos anos 60 e 70, para além das motivações relacionadas com a pobreza, tinham uma forte razão para saírem: a fuga à guerra colonial.

A ideia do regresso, sempre os acompanhou a todos. Os bem sucedidos do Brasil, os “de torna viagem”, que influenciariam as grandes fortunas do país contemporâneo, marcaram as várias regiões, com os torreões elevados dos seus palacetes de época.

Os das outras américas são, nesta região, bem notados, identificados pelo tipo de arquitetura e adornos das suas casas, cuja afirmação, pretensamente, de “novos ricos”, não os deixa passar despercebidos.

Os das europas, misturam influências de todo o tipo, amálgama da diversidade de projetistas, a que a lei conhecida por “73/73”, dá lugar.

De todos eles se alimenta iconograficamente este projeto, embora, pela análise da recorrência de estilo dominante da arquitetura “Farinhas”<sup>14</sup> e da consequente “escola” daí resultante, que emana da maioria das casas aqui representadas, se possa afirmar a evidencia dum estigma especial dos emigrantes de além atlântico.

---

<sup>13</sup> Silva, Maria de Jesus S. Oliveira – *As elites locais e sua influência nos fins do séc. XIX e Primeiras décadas do séc. XX*, Edição do Museu Regional de Oliveira de Azeméis, 1994

<sup>14</sup> Francisco R. Farinhas, construtor e desenhador, natural de Pardilhó, Estarreja, emigrante na Venezuela, entre 1945 e 1954. Segundo Domingos Tavares, em “*Francisco Farinhas – Realismo Moderno*”, Dafne Editora, 2008: “Procurou ganhar o mercado entre os conterrâneos e amigos com o prestígio de ser construtor competente, estendendo a sua ação por um mais vasto território, afinal pelas terras dos que com ele partilharam a aventura das Américas”. “(...) não faltaram desenhadores e habilitados que tomaram o seu exemplo de sucesso e copiaram os esquemas daquelas casas de telhados múltiplos, de cerâmicas brilhantes envolvendo recortadas colunas falsas de granito em varandas protegidas por alumínio dourados.”

## 4.1. Portfólio fotográfico – proposta de uma exposição

### 4.1.1. Casas de emigrantes brasileiros



Fig. 38





Fig.39

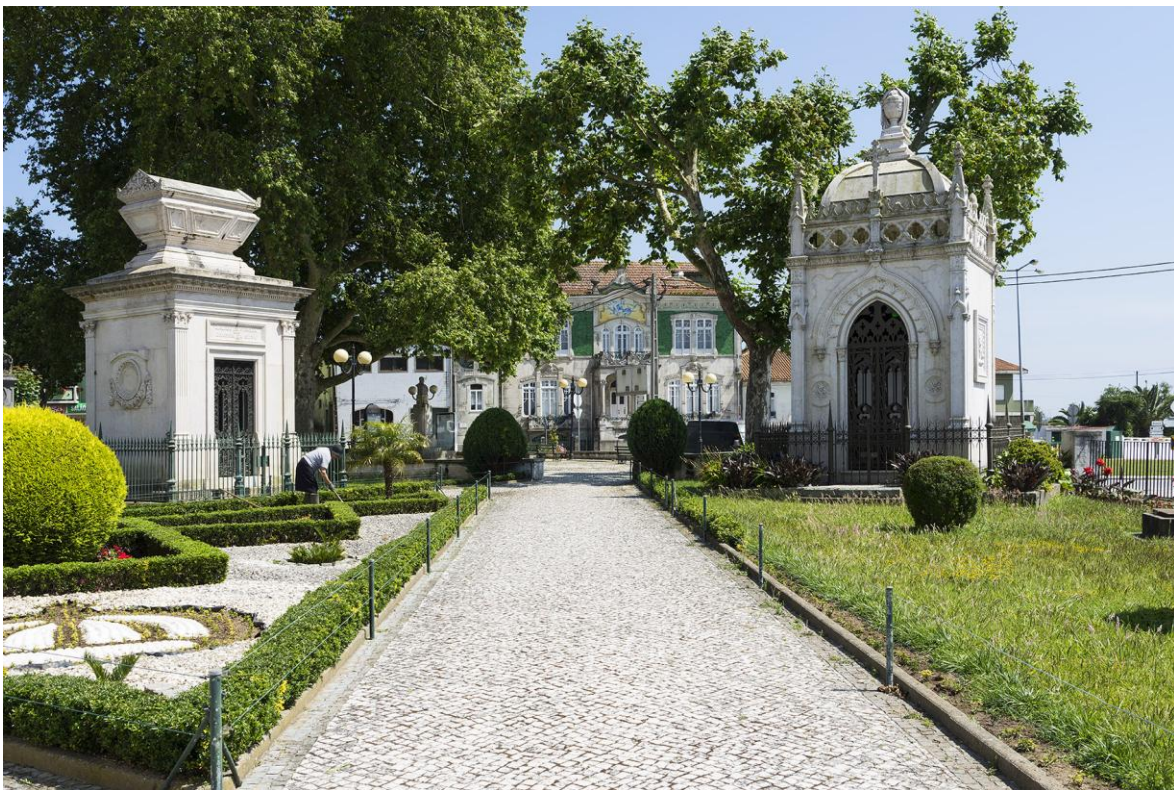


Fig. 40





Fig.41



Fig. 42





Fig.43



Fig. 44



#### 4.1.2. Casas de emigrantes americanos (Venezuela, América e Canadá)



Fig. 45



Fig. 46





Fig. 47



Fig. 48





Fig. 49



Fig. 50





Fig. 51



Fig. 52





Fig. 53



Fig. 54





Fig. 55



Fig. 56





Fig. 57



Fig. 58





Fig. 59



Fig. 60





Fig. 61



Fig. 62



Fig. 63



Fig. 64





Fig. 65



Fig. 66



Fig. 67



Fig. 68





Fig. 69



Fig. 70



Fig. 71



Fig. 72





Fig. 73



Fig. 74





Fig. 75



Fig. 76





Fig. 77



Fig. 78





Fig. 79



Fig. 80





Fig. 81



Fig. 82





Fig. 83



Fig. 84





Fig. 85



Fig. 86





Fig. 87



Fig. 88





Fig. 89



Fig. 90





Fig. 91



Fig. 92



#### 4.1.3. Casas de emigrantes europeos



Fig. 93



Fig. 94





Fig. 95



Fig. 96





Fig. 97



Fig. 98





Fig. 99



Fig. 100





Fig. 101



Fig. 102





Fig. 103



Fig. 104





Fig. 105



Fig. 106





#### 4.1.4. Casas de “emigrantes nunca emigrados”



Fig. 107



Fig. 108





Fig. 109



Fig.110



Fig. 111





#### 4.1.5. Casas abandonadas



Fig. 112



Fig. 113



Fig. 114



Fig. 115



Fig. 116



Fig. 117





Fig. 118



Fig. 119



Fig. 120



Fig. 121



Fig. 122



Fig. 123





Fig. 124



Fig. 125



## 5. Conclusão

O projeto fotográfico, levado a cabo no contexto deste trabalho académico, partiu da percepção de que, nesta região envolvente à Ria de Aveiro, os aglomerados urbanos são constituídos, em grande número, por construções habitacionais bastante peculiares, no que respeita à sua concepção projetual e construtiva, caracterizadas por uma expressão arquitectónica distinta, pela repetição de elementos comuns, em projetos que se vem a concluir serem de diferentes autores, mas que, por questões de natureza cultural, económica e geográfica, se adotam, configurando “casos de estudo” de natureza sociológica, a integrar na expressão fotográfica deste projeto.

Ao investigar-se alguns autores que estudaram estas matérias, de início, fica-se com percepção de que, em diferentes períodos da emigração portuguesa, se construíram habitações, com proveniência conceptual localizada na influência da arquitetura dos países de emigração, cujos modelos o emigrante regressado traria, para “copiar”.

As casas dos emigrantes, em termos arquitetónicos, são o resultado do poder aquisitivo dos seus proprietários no momento da sua construção. O seu modelo está relacionado com o que se projetava na época, com os movimentos artísticos e as “modas” na arquitetura, tanto nacional como internacional.

As construções que marcam o final do séc. XIX e inícios do séc. XX, são levadas a cabo por brasileiros “de torna viagem”, tanto das suas habitações apalaçadas, como de infraestruturas escolares e hospitalares de que foram beneméritos, como no caso de Joaquim Ferreira dos Santos (1842 – 1866), Conde de Ferreira, que doou verbas para construir e equipar 120 Escolas Primárias, espalhadas por todo o país e, a nível regional, de Domingos Joaquim da Silva (1854 – 1936), Visconde de Salreu, bem como de muitos outros, espalhados pelo país, cujo título nobiliárquico de condes e viscondes fora instituído pela ação da sua benemerência.

Já, em meados do séc. XX, no pós-guerra, as remessas dos emigrantes das várias américas e o seu retorno, movimentaram significativamente a construção civil habitacional da região, misturando-se projetos de arquitetos com os de técnicos de outras formações menos habilitadas. Ressaltou, na região, a intervenção do empreiteiro/desenhador Francisco Farinhas (1914 – 1990), que, tendo sido também emigrante na Venezuela, recolheu influências de diversas proveniências, sobretudo de arquitetos e das variantes do movimento modernista, e vai instituir um modelo de casa



capaz de responder às pretensões de afirmação identitária do poder económico do emigrante na região.

A comprovação de que os emigrantes não traziam os projetos das suas casas em rolo, “debaixo do braço”, é revelada pelas casas dos “não emigrantes”, de projeto e construção semelhante, feitas por aqueles que nunca saíram do país ou da sua região, mas que, por efeito do sucesso dos seus negócios, obtiveram poder aquisitivo e estatuto social equivalente ao dos emigrantes bem sucedidos.

A arquitetura começada nos anos 50 e prosseguida com outras variantes evolutivas, a chamada arquitetura “Farinhas”, acaba por “fazer escola”, e ser plagiada e adotada por desenhadores locais, para responder ao gosto e às solicitações de emigrantes, e “não emigrantes”, de todas as paragens.

As fotografias realizadas no processo deste projeto revelam que uma parte significativa destas casas está desabitada. Muitos deles visitam e usufruem dos seus “palacetes”, apenas algumas semanas, durante o verão. Outros, jamais regressarão e serão os seus descendentes, enraizados nos países onde nasceram e vivem que, após o seu desaparecimento, se apressam a pôr à venda as casas que pouco ou nada lhes dizem, dando por findo o sonho que os seus progenitores um dia tiveram, alimentaram e realizaram.

A Fotografia destas casas, destapa uma repetição sucessiva da sua disposição formal e dos elementos construtivos, bem como de posturas de vida e movimentações demográficas, o que permite veicular a reunião de características de cultura de grupo e de região, constituindo matéria sociológica relevante para integrar o assunto deste projeto, no contexto da fotografia documental contemporânea.

## 6. Fontes e Bibliografia

### Bibliografia:

- Alves, Fernandes, *A Emigração Portuguesa*, Âncora Editora, Lisboa, 2003
- Alves, Fernandes, *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto oitocentista*, tese de Doutoramento, Universidade do Porto, 1993
- Alves, Jorge Fernandes, *Lógicas migratórias no Porto oitocentista*, Comunicação apresentada em Emigração/imigração em Portugal. Congresso Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal séculos XIX e XX, Lisboa, 1993
- Arroteia, Jorge, *Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa*, tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro, 1982
- Bachelar, Gaston, *A Poética do Espaço*, Ed. Martins Fontes, S. Paulo 2000
- Barthes, Roland, *Camera Lucida*, Vintage Classics, GB, 2000
- Berger, John, *Sobre o Olhar*, GG, Barcelona, 2003
- Bernd & Hilla Becher, *FRAMEWORK HOUSES*, The Mit Press Cambridge, Massachusetts, London 2001
- Borhan, Pierre, *La Photographie, A La Croisée Des Chemins*, La Manufacture, Paris, 1990
- Bright, Busan, *ART PHOTOGRAPHY NOW*, Thames & Hudson, London, 2006
- Burgin, Victor, *Thinking Photography*, Macmillan, 1984
- Clarke, Graham, *The Photograph*, Oxford, 1997
- Dean, Tacita and Millar Jeremy, *PLACE*, Thames & Hudson, London, 2005
- Debray, Régis, *Vie et mort de l'image, Une histoire du regard en Occident*, Gallimard, 1992
- Frizot, Michel, *A New History of Photography*, Éditions Adam Biro, 1998
- Grzanic, Maarina, *Situated Contemporary Art Practices*, Ljublyana, Frankfurt am Main, 2004
- Janson, Horst Woldemar, *História da Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.
- Lagoeiro, Joaquim, *Viúvas de Vivos*, Editorial Minerva, 1967
- Leite, Carolina, *Maisons de rêve au Portugal*, Raposo & Villanova, Paris, 1994
- Lino, Raul, *CASAS PORTUGUESAS, Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*, Cotovia, Lisboa 1992

Marques, José Alexandre Cardoso, *Imagens de Uma Realidade que Não se Escreve. Braços e Mãos para Alugar*, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003

Mortágua, Camilo, *Andanças para a Liberdade*, Volume I, 1934 -1961, Essfera do Caos, Lisboa 2009

Robinson, Cervin e Herschman, Joel, *ARCHITECTURE TRANSFORMED, A HISTORY OF THE PHOTOGRAPHY OF BUILDINGS FROM 1839 TO THE PRESENT*, The Mit Press Cambridge, Massachusetts, London 1987

Robinson, Cervin, *Architecture Transformed, A History of the Photography of Buildings from 1839 to the Present*, MIT New York, 1987

Saramago, José, Texto introdutório a “*Candida Hofer – Em Portugal*”, Lisboa 2006

Silva, Maria de Jesus S. O., *As elites locais e sua influência nos fins do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX*, Museu Regional de oliveira de Azeméis, 1994

Sontag, Susan, *Ensaio Sobre Fotografia*, Publicações D. Quixote, 1986

Tavares, Domingos, *Casas de Brasileiro*, Dafne Editora, 2015

Tavares, Domingos, *Francisco Farinhas, Realismo Moderno*, Dafne Editora, 2008

Trindade, Maria Beatriz, *O Fenómeno da Emigração em Portugal*, Instituto de Investigação Científica e Tecnológica, Lisboa, 1992

Wells, Liz, *Photography, A Critical Introduction*, Routledge, 1997

Outras Fontes Documentais:

Webgrafia:

**Observatório da Emigração**

<http://observatorioemigracao.pt/np4/home.html>

**Museu das Migrações e das Comunidades**

<http://www.museu-emigrantes.org/>

**Museu Berardo Gérald Bloncourt. Por uma Vida Melhor**

<http://pt.museuberardo.pt/publicacoes/gerald-bloncourt-por-uma-vida-melhor>



## **100 Abandoned Houses**

<http://www.100abandonedhouses.com>

**New Bedford, Massachusetts. Family of Portuguese house painter who live in low income government housing Project**

<http://www.loc.gov/item/owi2001046698/PP/>

## **Filmografia:**

Documentário da RTP 2, "*El-LOS QUE PARTEM - A História da Emigração Portuguesa*", 2006

Filme "*A CANÇÃO DA TERRA*" de Jorge Brum do Canto, 1938

Filme "*A Mala de Cartão*", 1988

Filme "*A VIAGEM*", Telefilme produzido pela RTP-Açores, 2000

Filme "*O Salto*", "*Voyage of Silence*", Christian de Cholange, 1967

Filme "*Mudar de Vida*", Paulo Rocha, 1967

7. Anexos



Fig. 126



Fig. 127



Fig. 127





Fig. 128

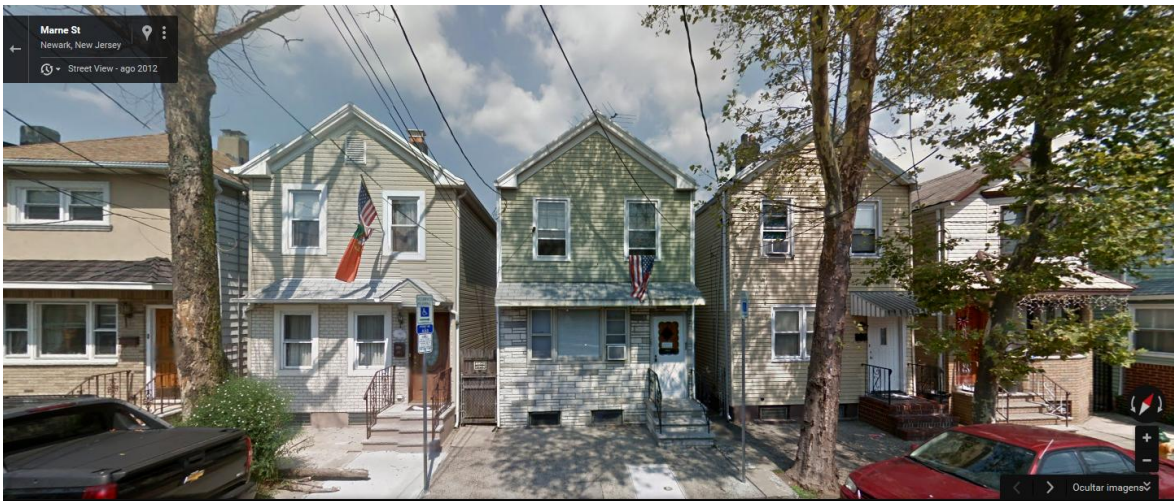


Fig. 129

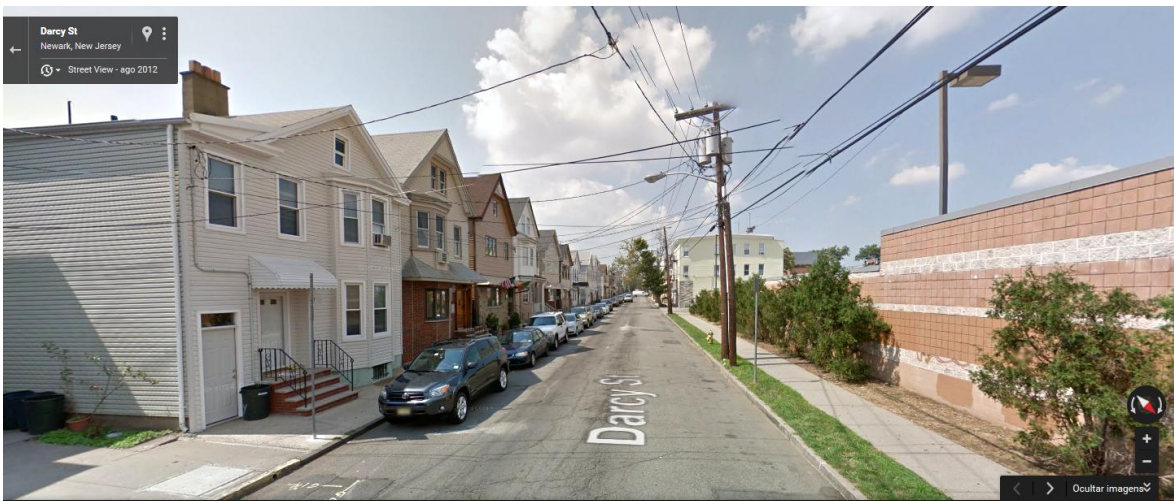


Fig. 130





Fig. 131

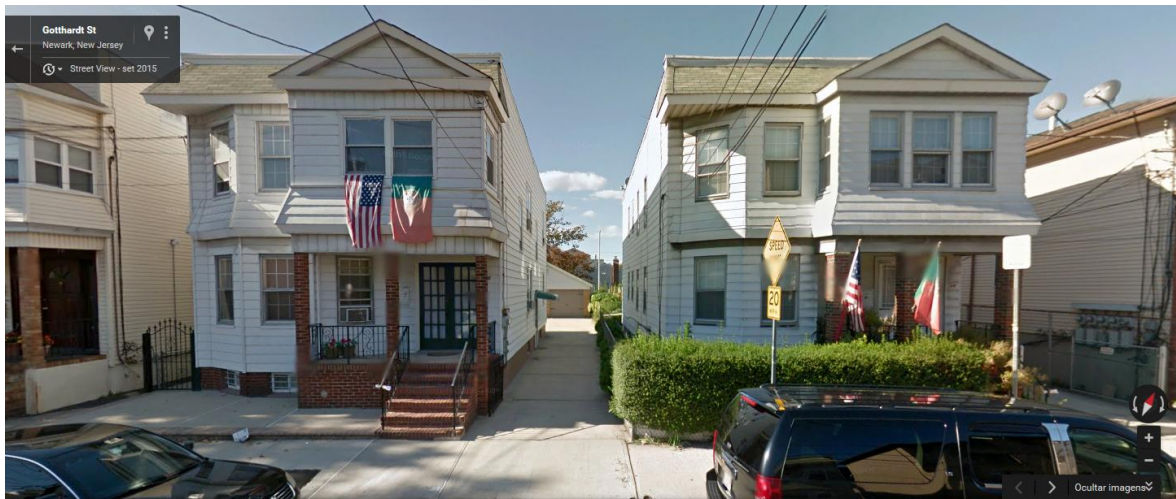


Fig. 132

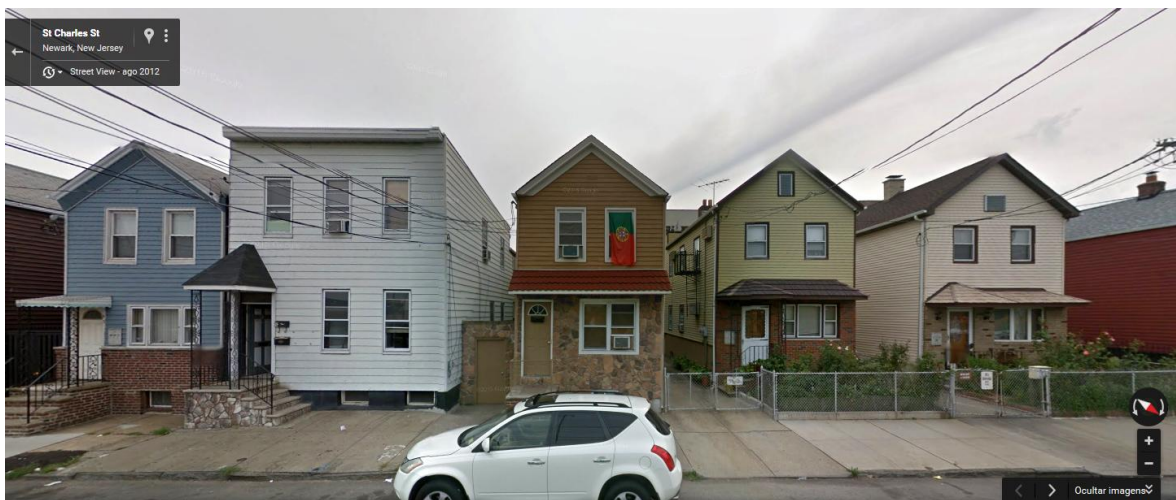


Fig. 133